



CRENÇAS E ATITUDES NA PERSPECTIVA DO OUVINTE ATRAVÉS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO PRODUZIDO POR DOIS FALANTES HAITIANOS MORADORES EM SINOP-MT

Karina Merlino Ávila (UNEMAT)¹
kavilaunemat@gmail.com

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo investigar a aplicação da prática de ter ouvintes brasileiros ouvindo a fala não-nativa de estrangeiros através de áudios de entrevistas realizadas com um imigrante haitiano do sexo masculino, com a idade de 41 anos que vive no município de Sinop - MT há 5 anos. E com uma imigrante haitiana com a idade de 14 anos que reside em Sinop -MT há 2 anos. Essa pesquisa foi embasada em vários teóricos que escreveram sobre a temática aqui proposta, os principais foram Faria; Pessoa (2012), Labov (1972, 1974, 1982 e 1994). O estudo foi realizado com um grupo de 20 estudantes do 5º ano de uma escola municipal de Sinop-MT. O intuito é que os alunos façam uma análise comparativa tanto da fala do adulto que está no Brasil há 5 anos como da fala da adolescente que está no Brasil há 2 anos. Com isso, analisar através das respostas dos alunos quem aprendeu a fala da língua portuguesa mais próxima possível do nativo brasileiro. Contudo, não foi identificada uma decorrência de tipo de meio, e muito menos se constatou um efeito de relação entre as variáveis “experiência” e “tipo de meio”. Através dos resultados, sugere-se uma análise teórica e metodológica sobre a definição de compreensão da fala estrangeira-haitiana que compreende como domínio compartilhado entre falante e ouvinte, o que convém incumbir que uma fala estrangeira no geral transita por variáveis sociolinguísticas agregadas as duas partes da interlocução.

PALAVRAS-CHAVE: Imigrantes Haitianos. Português como Língua Adicional. Domínio da Língua Adicional.

ABSTRACT: This research aims to investigate the application of the practice of having Brazilian listeners listening to the non-native speech of foreigners through audios of interviews conducted with a Haitian male immigrant, at the age of 41 years who lives in the municipality of Sinop - MT 5 years ago. And with a Haitian immigrant at the age of 14 who has lived in Sinop -MT for 2 years. This research was based on several theorists who wrote about the theme proposed here, the main ones were Faria; Pessoa (2012), Labov (1972, 1974, 1982 and 1994). The study was conducted with a group of 20 students of the 5th year of a municipal school of Sinop-MT. The aim is for students to make a comparative analysis of both the speech of the adult who has been in Brazil for 5 years and the speech of the adolescent who has been in Brazil for 2 years. Thus, analyzing through the responses of the students who learned speaks of the Portuguese language as close as possible to the native Brazilian. However, a type of medium was not identified, and much less a relationship effect was found between the variables "experience" and "type of medium". Through the results, it is suggested a theoretical and methodological analysis on the definition of understanding of the foreign-Haitian speech that understands as a shared domain between speaker and listener, which is necessary to instruct a foreign speech in general Transits through sociolinguistic variables aggregated the two parts of the interlocution.

KEYWORDS: Haitian immigrants. Portuguese as an additional language. Additional language domain.

¹ UNEMAT – Universidade Estadual de Mato Grosso. Graduada em Letras, Economia e Pedagogia. Mestranda em Letras – Linguística – PPGLetras. Email: kavilaunemat@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Saussure afirma que a língua é um sistema em que um componente se determina pela relação com outros elementos, ou seja, um estado de uma língua estipulado denomina-se sincrônico, é tido como um sistema de relações, sem se atentar com as mudanças históricas. Conforme Parreira (2017), no ano de 1957 Noam Chomsky principia uma mudança, propondo um estudo da sintaxe das línguas naturais e também que a língua seja compreendida como um instrumento mental. Dessa maneira, ao contrário da proposição de Saussure que apresenta a língua como um objeto social, ele confirma que a língua humana é um sistema de princípios vindo da mente humana, que seria a definição e a elucidação do conhecimento linguístico adquirido.

Em meados do ano de 1964 surgiu a Sociolinguística, por meio de seus pesquisadores, proporcionando a linguagem particularidades de ordem social e cultural. As pesquisas feitas nessa área estão relacionadas as ocorrências linguísticas na reciprocidade da língua. A Sociolinguística pode assim ser determinada como o estudo da variação da língua. No momento em que é considerado como propósito da Sociolinguística a diversidade linguística, “pode-se destacar a relevância do fato que ocorre quando línguas ou dialetos entram em contato”. Esses encontros de variações linguísticas tem a oportunidade de mostrar, além de trocas e mediações, “atitudes sociolinguísticas e preconceitos linguísticos” (FARIA; PESSOA 2012, p. 59).

A Sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. (FARIA; PESSOA, 2012, p. 59)

Nesse paradigma o questionamento central é a partir de dois princípios teóricos fundamentais:

1. O sistema linguístico que se ajusta a uma comunidade heterogênea e plural e que deve exercer essa mesma função, libertando-se da tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade;

2. Os métodos de mudança que é notado numa comunidade de fala se renovam na variação observada em cada situação nos padrões de comportamento linguístico considerados nessa comunidade, referindo na situação em que a mudança provoca necessariamente a variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso (FARIA; PESSOA 2012 apud LABOV, 1972, 1974 e 1982 e 1994; e WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Desse modo, os seguimentos de mudanças contemporâneas que acontecem na comunidade de fala são essenciais na Sociolinguística. Em consonância a isso, Labov (1972) entende que uma comunidade de fala para esse modelo teórico metodológico não são as falas iguais de um determinado grupo, e sim que dividem entre si marcas linguísticas que diferenciam de outros grupos, a comunicação é realizada mais entre si do que com outros, e particularmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

No decorrer desse estudo percebe-se que com a variação das atitudes sociolinguísticas surge o preconceito, por essa variação não estar de acordo com a “norma padrão”. Diante desse panorama Houaiss (2001, p. 589), aponta que o preconceito é um “julgamento ou opinião concebida previamente; opinião formada sem fundamento justo ou conhecimento suficiente.”

O fato de que sociedades como a nossa tenham, em função de razões históricas e políticas, identificado a chamada língua padrão com os usos linguísticos dos grupos urbanos socialmente superiores não pode justificar o exercício do preconceito e da discriminação linguística. E aí está o desafio. (ALKIMIN, 2001, p. 37).

Percebe-se que o preconceito linguístico tem como fundamento os padrões preconcebidos de algo pré-determinado. Os estrangeiros vindos de diversos países para o Brasil também passam por essa problemática do entrave da língua para se comunicarem e com o tempo que a Língua Portuguesa é adquirida ainda fica resquícios da língua materna.

Os imigrantes haitianos não utilizam a estrutura correta da língua, como a falta de alguns conectivos, a falta de conjugação dos verbos, utilizam o verbo no infinitivo, acentos primários, entre outros.

2 Uma breve análise da estrutura fonética fonológica do kreyòl (crioulo)

De acordo com Tardieu (2013), a língua materna do Haiti o kreyòl tem uma sustentação lexical francesa, em torno de 80% a 85% dos elementos lexicais teriam sido determinados da língua francesa, porém a base gramatical decorre de línguas africanas. Conforme Silva (2014, p. 177) apud Tardieu (2013), “seriam três as principais línguas africanas que constituem o kreyòl, todas pertencentes ao tronco nigero-congolês: ewe, fon, yorubá”. Segundo Brasil (2008, p. 9), também contém algumas influências de Taíno, português e espanhol. O idioma tem dois dialetos distintos: Fabras e Plateau.

O domínio da língua francesa não quer dizer que automaticamente dominaria o kreyòl porque são estruturas diferentes. As duas línguas são utilizadas no Haiti, porém apenas o kreyòl é a língua oficial. Conforme Silva (2014) apud Cadely (2012), numa estimativa do ano de 2010, baseado em dados não-oficiais das nove milhões de pessoas o kreyòl é falado por toda a população. A língua francesa também é tida como oficial, mas é uma língua ensinada apenas nas escolas, baseado em estudos do mesmo autor, uma boa parte da população não tem acesso à educação escolar, logo, os haitianos que dominam as duas línguas são a minoria dentre a população, numa estimativa de um décimo.

Segundo Cadely (2012 apud Silva, 2014), O catálogo de sons da língua Kreyòl é composto de sete vogais orais e cinco nasais:

Quadro 1 – Vogais orais e nasais do kreyòl

Alta	i	ĩ		u
	e			o
Média		ẽ	õ	
	ɛ			ɔ
Baixa	a	ã		

Fonte: Cadely (2004, apud Silva, 2015, p. 178)

Em sua pesquisa Silva (2014) analisa esse quadro de vogais do kreyòl e faz uma comparação, relatando a semelhança com o quadro de sons vocálicos do português brasileiro, como também o quadro das vogais orais, notando-se a presença dos mesmos graus de aberturas nas duas línguas. Na representação das vogais nasais apresenta algumas diferenças em comparativo com as duas línguas, sendo as vogais nasais do kreyòl mais baixas do que as do português brasileiro. Essas vogais são bem singulares em comparação as do kreyòl. O quadro de sons consonantais se dispõe da seguinte maneira:

Quadro 2: O som das consoantes na Língua kreyòl

	Bilabiais		Labiodentais		Alveolares		Pós-alveolares		Palatais		Velares	
Oclusivas	p	b									k	g
Nasais		m										
Fricativas			f	v	s	z	ʃ	ʒ		j		
Aproximantes						l						ʎ

Fonte: Cadely (2004, apud Silva, 2014).

Seguindo a análise de Cadely (2004 apud Silva, 2014, p. 178), é visto que o autor mostra o incidente das aproximantes lábio-velar [w] e lábio-palatal [ɥ]. Já a aproximante lábio-velar [w] e a aproximante palatal [j] se adversam na língua; em contrapartida a “aproximante lábio-palatal [ɥ] tem distribuição restrita, ocorrendo apenas no início da palavra [ɥit] “oito” e seus derivados”, sendo capaz de acontecer em posição medial de algumas palavras, mas de acordo com o autor Cadely (2004), sempre composta com a vogal [i], “o que permite pensar que tal aproximante resulta de um processo de assimilação de ponto da vogal [i].” (pag. 178)

Cadely (2004), ainda cita uma análise quanto a semivogal lábio-palatal, que não tem características diferentes na língua, já o som classificado pelo autor como uma aproximante velar [ɣ] ocorre em grupos consonantais tautossilábicos, seguindo obstruintes.

O kreyòl tem apenas um som líquido, a lateral alveolar [l]. A aparente falta de oposição entre sons róticos e laterais traz uma difi culdade evidente para os haitianos aprendizes de PB, como a indistinção entre pares como “ela/era”,



por exemplo. Os grupos tautossilábicos com tap do PB, por sua vez, ou são produzidos sem o som ou com o tap substituído pela aproximante lábio-velar. (CADELY, 2004 apud SILVA, 2014, p. 178)

Finalizando essa análise Silva (2014, p. 179), conclui dizendo que em “referência aos fenômenos prosódicos existem poucos estudos em relação ao kreyòl”, e cita uns dos estudos do autor Finney (2004), em que diz que a impressão auditiva no qual se forma ao escutar os falantes em que utiliza essa língua como língua materna, assim como o francês o kreyòl concede o acento primário ao final da palavra, e o acento primário é previsível, contrariando o do português brasileiro.

2.1 inteligibilidade, fluência e acurácia

Conforme Pennington (1996 apud Silva, 2014, p. 180), “o ensino de pronúncia deve priorizar a inteligibilidade, a fluência e a acurácia.” Para a autora a inteligibilidade é a capacidade que o aprendiz da nova língua tem de ser entendido. No tocante a fluência, se associa a aptidão que o aprendiz consegue de “articular mais facilmente os sons da língua que aprende”. Já a definição de acurácia segundo a autora seria a “precisão articulatória com que se produz um enunciado”, requisitando uma maior competência da língua que está obtendo, “a inteligibilidade é *conditio sine qua non* para que o aprendiz se faça entender já no início do processo de aquisição da língua estrangeira”.

Em relação aos haitianos que tem a Língua Portuguesa do Brasil como uma língua de acolhimento, os mesmos precisam se comunicar através de asserções inteligíveis a cada situação nesse novo país e isso ocorre em diversas situações do dia a dia, assim sendo o domínio da fala da nova língua realizada com inteligibilidade é de extrema importância para o diálogo no contexto que ocorrer.

Entretanto, considerando a tendência de um aprendiz transferir para a língua que adquire aspectos de sua língua materna, não é de se estranhar que os haitianos produzam sequências como “hoJE” ou “onTEM”, por exemplo. Este fato configura o que Zimmer, Silveira e Alves (2009) denominam transferência fonético-fonológica e é

encontrado não apenas na fala de haitianos recém-chegados ao Brasil, mas também na fala de haitianos que residem no país há mais tempo. A transferência pode afetar a inteligibilidade porque o acento primário é diferencial no PB, conforme evidenciam pares como “CAqui/caQUI”, ou trio: “SABia/saBla/sabiA” como: “cantaRÃO/canTArAm”; “esqueceRÃO/esqueCErAm”; “sorriRÃO/sorriram”, a única diferença considerando-se a cadeia da fala – é a posição do acento. O acento primário carrega, ainda, diferença entre a forma para a terceira pessoa do singular do presente do indicativo e o infinitivo dos verbos, como nos pares “Assa/aSSA”; “VENde/venDE”; “PARte/parTI”. (SILVA, 2014, p. 180)

O acento primário não é a única predisposição que tem que ser ensinada para um imigrante haitiano, como foi relatada no decorrer da introdução desse texto, percebe-se que a fala tem ausência de vários elementos em comparação a norma culta da Língua Portuguesa. Como refere Grando (2017), com uma pesquisa na escrita dos haitianos em que houve situações de ausências de alguns elementos que faltaram na construção das frases da Língua Portuguesa do Brasil.

O aluno usa a preposição “para”, sendo que a correta deveria ser a preposição “por”, eis um outro exemplo semelhante: ficou como minha amiga pôr a vida”, troca de preposições especificamente depois de advérbios, tal como “tinham dificuldade depois ao terremoto”, o que caracteriza inadequação com relação à regência nominal; e também confusão com palavras estrangeiras no texto, que chamamos de transferência de códigos, e acontece quando o aluno não tem em seu vocabulário da língua alvo, a palavra ou expressão para determinado situação e recorre até a sua língua mãe ou, então, a uma língua que ele tem conhecimento da expressão que pretende usar e a utiliza onde falta no seu vocabulário da língua alvo. Tais ocorrências podem ser vistas nos seguinte exemplos: “Meus alunos são muito interligente”, sendo que alumnos é uma palavra espanhola equivalente à palavra “alunos” no português e, da mesma forma, a palavra Espanhol, que se refere à palavra “espanhola” no exemplo a seguir: “eu estava trabalhando com Cruz Vermelha Espanhol”. (GRANDO, 2017, p. 29)

Partindo dessa análise é possível notar que o imigrante ao adquirir uma língua adicional utiliza da sua língua materna para o entendimento, até mesmo em comparação no decorrer do processo de aquisição e aprendizagem.

2.2 Crenças e atitudes linguísticas

Um questionamento vem à tona, de que maneira as Crenças e Atitudes linguísticas influenciaria no desenvolvimento de ensino e aprendizagem de uma língua adicional?

Diversos autores conceituam sobre esses dois tópicos, de acordo com Santos (1996), a crença seria um convencimento íntimo, uma opinião que se pratica com fé e certeza, seria um estado de uma convicção intrapessoal. Segundo Barcelos (2007), a crença é uma condição de pensar, como concepção de realidade, formas de ver e perceber o mundo e seus acontecimentos, construídas a partir de experiências e provenientes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Mediante a leitura de vários estudos percebe-se que as crenças ficam na área da cognição, no convívio social, calcado por métodos sociopolíticos e culturais.

A crença envolve os aspectos cognitivos e é multidimensional, pois se relaciona com todos os diferentes aspectos da situação. Ela, como um componente do construto atitude, divide-se em dois tipos: informacional – refere-se àquilo que se acredita sobre os fatos de uma situação; avaliativa – consiste naquilo em que se acredita sobre os méritos, os deméritos; o bem, o mal; o justo, o injusto; os benefícios ou custos de diferentes situações (DUQUE, 2008, p. 3).

Nota-se que a posição da crença seria como “estado”, e a atitude a ação tomada. Santos (1996) confirma esse pensamento onde diz que atitude seria um propósito, uma manifestação, uma demonstração de opinião ou sentimento, gerando uma reação referente a determinadas pessoas ou situações, seriam atitudes que apresentam certezas pessoais, desta forma, as crenças referentes a essas pessoas e situações que as envolvem.

Esta pesquisa tem relação a conceituação de Cyranka (2007), que atitudes linguísticas está vinculada a avaliação linguística, ou seja, o exame dos julgamentos dos falantes no que concerne a língua ou ao dialeto praticado pelo interlocutor, em relação a língua considerada padrão, a maneira que isso vem trazer ao indivíduo a pensar e sentir,



toda reação desses falantes são evidenciadas a partir dos estímulos linguísticos oferecidos, e esses são os elementos das atitudes do falante.

Em citação a avaliação, Fishbein (1965) apud Souza (2012), argumenta a concepção de que as pessoas avaliam um conceito e podem ou não acreditar na existência do mesmo, acreditando ou não na sua existência, mas o considera.

Em se tratando do primeiro tipo de julgamento citado, considera-se uma medida da dimensão avaliativa de um conceito ou, especificamente, uma atitude. No segundo tipo, observa-se que é visto como uma medida estabelecida na dimensão de probabilidade de um conceito, logo pode ser visto como uma crença (SOUZA, 2012, p. 5).

Todo esse panorama condiz que qualquer conceito é avaliado, diante disso, Fishbein, apud Souza (2012), afirma que as atitudes podem ser de três tipos: positivas, negativas, neutras, sendo qualquer crença de algo avaliado sob um desses elementos. Segundo Santos (1996), a atitude só pode ser concedida baseada nas diversas crenças que o indivíduo obteve sobre referente objeto de análise. Dessa forma, o falante da língua portuguesa como materna só terá o seu conceito sobre a fala da língua portuguesa como língua adicional do imigrante haitiano, mediante a análise pelo complexo das variadas crenças que ele acredita sobre o falar na língua portuguesa.

3 METODOLOGIA

A proposta desse estudo teve como propósito investigar a decorrência da experiência com alunos do 5º ano do ensino fundamental através do meio exercido por áudio na compreensibilidade do português brasileiro em uma sequência de perguntas oriunda de uma entrevista na qual foi realizada por um imigrante haitiano de 41 anos (adulto) que tem contato com a Língua portuguesa brasileira há 5 anos e uma adolescente de 14 anos, imigrante haitiana que está em contato com a Língua há 2 anos.



O objetivo nessa análise é encontrar efeitos das variáveis “crenças” e “atitudes”, em relação a compreensão da língua portuguesa falada por dois haitianos numa turma de 20 alunos de 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal do município de Sinop-MT. Como também fazer uma investigação comparativa entre o domínio da Língua portuguesa entre os dois sujeitos, um adulto e uma adolescente. Mediante se encontra descrito nas 3 hipóteses da pesquisa:

- A aprendizagem da Língua portuguesa como uma língua adicional entra em indício através de reflexões realizadas mediante crenças linguísticas tida como negativas por intermédio de diversos sujeitos, principalmente por ter sotaques e vícios de linguagem da sua língua materna o Crioulo e francês.
- Perceber as crenças e atitudes linguísticas, investigando como os alunos escolhidos para analisar os excertos avaliam a variedade linguísticas utilizadas pelos sujeitos imigrantes haitianos falando a língua portuguesa.
- Atribuirão indícios de compreensibilidade em relação a fala da língua portuguesa por um imigrante haitiano, analisando quem domina melhor a língua, o adulto que está há mais tempo no Brasil ou a adolescente que está a menos tempo.

O esboço experimental dessa pesquisa segue um traçado no qual o experimento tem como uma das variáveis a prática da língua portuguesa falada por haitianos através de entrevistas gravadas por áudios. A variável correlativa foi a compreensibilidade, avaliada com base na compreensão de excertos de duas narrativas por meio de entrevistas orais, semiestruturadas, e com questões pertinentes a fala da língua portuguesa, com a seguinte dinâmica: a audição da entrevista do imigrante adulto em contato há 5 anos com a língua portuguesa como adicional e logo após com o questionário para responderem individualmente sem trocas de ideias, para as respostas serem pessoais e não influenciada por outros fatores. E num outro momento foi aplicada a dinâmica com a outra imigrante haitiana, cujo contato com a língua portuguesa como adicional tinha 2 anos, seguindo os mesmos protocolos.

3.1 Materiais e Instrumentos

A pesquisa contou com termos de autorização de direitos de uso dos dados colhidos, nos quais foram assinados pelo adulto haitiano e pelos pais da menor haitiana, como também pelos pais dos alunos do 5º ano do ensino fundamental participantes da pesquisa. Todos preencheram um questionário histórico da linguagem, com informações do perfil pessoal e de experiências com imigrantes haitianos.

Os excertos expostos, provinham de uma entrevista feita em áudio em relação a chegada no Brasil, ao contato com a língua, a cultura e o país em si, como adquiriram o domínio da língua portuguesa como língua adicional. As perguntas eram semiestruturadas nas quais deixava o entrevistado livre para fazer comentários extras.

As perguntas questionadas no primeiro momento foram:

Quadro 3: Perguntas realizadas aos informantes

Informante	Concordo	Não concordo	Não sei
1. Foi fácil de entender a fala do imigrante haitiano?			
2. A pessoa que você escutou é culta (estudada)?			
3. A pessoa que você ouviu é simpática?			
4. A pessoa que você ouviu fala bem a língua portuguesa?			
5. Ao ouvir o imigrante haitiano falando você acha que ele fala a língua portuguesa igual a você?			
6. Porque você acha que os haitianos não falam a língua igual aos brasileiros?			
7. Você consegue citar uma fala que o haitiano usou que saiu diferente do português?			

Fonte: Dados da pesquisa

No segundo momento além do mesmo questionário apresentado anteriormente foi entregue um outro questionário com as seguintes perguntas:

Quadro 4: Perguntas realizadas aos informantes

Informante	Concordo	Não concordo	Não sei
1. Os dos haitianos utilizam a fala da língua portuguesa da mesma maneira?			
2. A adolescente haitiana falou bem a língua portuguesa?			
3. O adulto haitiano falou bem a língua portuguesa?			

Fonte: Dados da pesquisa

E por último tinham que responder qual dos dois sujeitos falava melhor a língua portuguesa. De acordo com a estrutura do estudo, foi fatorial por depender de duas variáveis independentes, analisando os pontos que tinha na variável dependente, o efeito principal, e como os outros questionamentos se inter-relacionavam entre si.

O estudo baseou-se na amostra de 25 sujeitos que analisaram os áudios das entrevistas propostas. Sendo 16 meninos e 9 meninas, com idades entre 10 e 11 anos. Todos residentes em Sinop-MT, todos brasileiros cuja língua materna é a língua portuguesa. E nunca tiveram contato em relação a conversar com um imigrante haitiano, sendo a primeira vez que ouviam um haitiano adulto utilizando a língua portuguesa, já o contato com as crianças haitianas os mesmos tinham na escola, porém esses mesmos estudantes haitianos falam muito bem a língua portuguesa com sotaque quase que imperceptível.

O locutor adulto domina as seguintes línguas: crioula, francesa, espanhola, inglês e o português brasileiro. Já a locutora adolescente domina as línguas: crioula, francesa, um pouco do inglês e o português brasileiro.

3.2 Gravação das entrevistas

As entrevistas foram através de áudio, por um aplicativo de gravador de voz do celular, com duração em média de 15 minutos, realizadas em uma sala sem preparação acústica, mas em silêncio e sem ruídos exteriores.



3.3 Coleta dos dados

A pesquisa foi direcionada de maneira que todos os sujeitos participassem das mesmas etapas, em sequência. Levaram os termos de consentimento para os pais assinarem, num outro momento preencheram as fichas de identificação. Logo após foi exposto sobre o estudo e tudo que o envolvia. Em seguida foi colocado o primeiro áudio (haitiano adulto) para ouvirem a entrevista e responderem as perguntas com as opções: concordo / não concordo / não sei. Realizando assim, o teste de compreensibilidade.

3.4 Método

Esse estudo foi de uma proposta de investigação qualitativa, com base interpretativista com a presença do pesquisador no espaço pesquisado, numa análise de fenômenos sociais nos quais os sujeitos da pesquisa estavam inseridos.

No paradigma interpretativista, surgido como uma alternativa ao positivismo, não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. A capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo” (BORTONIRICARDO, 2008, p. 32)

Este estudo foi realizado na Escola Municipal Ana Cristina de Sena, em Sinop - MT. A escola fica numa região periférica da cidade. Os sujeitos que analisaram os excertos dos haitianos foram alunos de 5º ano, com a idade entre 10 a 11 anos.

Os imigrantes haitianos foram: um homem de 41 anos, que reside no Brasil há 5 anos e uma adolescente de 14 anos, residente no Brasil há 2 anos. Foi utilizado como instrumento de pesquisa para investigar as crenças linguísticas dos alunos para perceber a existência crítica e analista da variação linguística sobre os usos da língua portuguesa

por haitianos. Foi realizado um comparativo entre as duas falas para analisar quem falava com mais propriedade a língua portuguesa como adicional.

As perguntas das entrevistas foram de forma semiestruturada para dar espaço para os imigrantes ficarem mais à vontade em falar sobre a vida deles no Haiti, sobre os seus estudos, como se habituaram, como conseguiram dominar a língua portuguesa.

4 Resultados e análises dos dados

A primeira experiência foi com o haitiano adulto, foi exposto o áudio de quase 15 minutos nos quais 25 alunos ouviam para logo após fazer o teste de percepção.

Quadro 5: Perguntas realizadas aos informantes

Perguntas	Positiva		Negativa		Neutra	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
1. Foi fácil de entender a fala do imigrante haitiano?	14	56	1	4	10	40
2. A pessoa que você escutou é culta (estudada)?	22	88	1	4	5	20
3. A pessoa que você ouviu é simpática?	25	100	0	0	0	0
4. A pessoa que você ouviu fala bem a língua portuguesa?	1	4	4	16	20	80
5. Ao ouvir o imigrante haitiano falando você acha que ele fala a língua portuguesa igual a você?	0	0	12	48	52	8

Fonte: Dados da pesquisa

Nos resultados apresentados quanto a compreensibilidade da fala do haitiano adulto nota-se que 56% achou fácil para entender, em contrapartida apenas 4% (1 participante) achou que ele fala bem a língua portuguesa e 16% que ele não fala bem a



língua portuguesa. Enquanto ao questionamento se eles acharam a pessoa entrevistada culta, 88% acreditam que sim. No quesito de simpatia foi unânime 100%. No questionamento comparativo entre a fala da língua portuguesa do haitiano adulto com a fala pessoal da língua portuguesa do participante analítico, 48% acharam que não, enquanto 44 % ficaram em dúvida, acharam que ele fala mais ou menos igual a eles.

Em relação a opinião sobre o motivo dos haitianos não falarem a língua igual aos brasileiros, a maioria respondeu: “porque ele é de outro país”. Apenas uma respondeu algo interessante: “porque ele não se acostumou”.

E na última pergunta em que se questiona se o participante analítico se lembrava de algum trecho da entrevista que o haitiano não utilizou a língua portuguesa claramente, 5 participantes acharam que foram os momentos que o imigrante haitiano usou a conjugação do verbo “eu gosto”, ele respondeu “a gente guôsta”, com um acento mais grave na primeira sílaba e com a adição da vogal “u”. Um outro excerto que chamou a atenção de 20 dos participantes analíticos foi o trecho que ele dá o endereço da igreja de imigrantes na qual ele é pastor, citando o nome da rua que na língua portuguesa é “Manjoleiros” e ele pronuncia “Munzoleiros”, Brasil – “Brasile”; Assembléia – “Sembrea”; navio – “nafio”; igreja – “igrecha”; “ir pra escola” – “mim ir prá escola”; “ela vai pra escola” – “ala vai pra escola”; sim – “si”; “minha casa” – “mi caça”; “dois filhos” – “dos filhos”; “minha esposa” – mi espoça”.

Num outro momento foi realizada a entrevista com a adolescente haitiana, e seguiu-se os mesmos padrões da primeira experiência, os alunos que estavam analisando ouviram a entrevista e logo após responderam às perguntas referentes ao teste de percepção.

Quadro 6: Perguntas realizadas aos informantes

Perguntas	Positiva		Negativa		Neutra	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
1. Foi fácil de entender a fala da imigrante haitiana?	22	88	0	0	3	2
02. A pessoa que você escutou é culta (estudada)?	21	84	0	0	4	16
3. A pessoa que você ouviu é simpática?	24	96	0	0	1	4
4. A pessoa que você ouviu fala bem a língua portuguesa?	25	100	0	0	2	8
5. Ao ouvir a imigrante haitiana falando você acha que ela fala a língua portuguesa igual a você?	5	20	5	20	15	60

Fonte: Dados da pesquisa

Nessa análise de percepção 88% de todos os 25 analistas acharam de fácil entendimento a fala da adolescente haitiana e 100% acreditam que ela fala bem a língua portuguesa. Quanto a pergunta que se a imigrante fala a língua portuguesa igual ao analista, ocorreu um empate de quem acredita que sim, e que não com 20%; a resposta neutra ficou bem a frente com 60%.

Logo após foi realizada uma comparação entre as duas entrevistas para obter uma resposta de quem domina de uma melhor forma a língua portuguesa. Na análise da fala da adolescente pelos analistas percebeu-se algumas coisas, primeiro que sobre a primeira pergunta: “Foi fácil de entender a fala da imigrante haitiana?”, 88% disseram que sim, já na quinta pergunta em que se eles achavam que a imigrante falava a língua portuguesa igual a eles, 20% apenas responderam que sim, a mesma porcentagem que não e 60% que não sabia ou mais ou menos (resposta neutra). Porém, foi encontrado alguns vícios de linguagem originária da língua materna na fala da adolescente, ao falar “eu te convido”, ela pronunciou “eu te convito” (troca do “d” pelo “t”), “pais” –

“paize”; não utiliza os conectivos como o verbo “e” na frase: “a escola é fraca – “escola fraca”; ou troca o acento agudo do “é” pelo circunflexo “ê”; “vive” – “live” (nessa situação há uma certa confusão com a língua inglesa que também faz parte da segunda língua para eles);

Quadro 7: Perguntas realizadas aos informantes

Perguntas	Positiva		Negativa		Neutra	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
1.Os dois haitianos utilizam a fala da língua portuguesa da mesma maneira?	19	76	3	12	3	12
2. A adolescente haitiana falou bem a língua portuguesa?	25	100	0	0	0	0
3. O adulto haitiano falou bem a língua portuguesa?	2	8	4	16	19	76

Fonte: Dados da pesquisa

E num questionamento mais direto sobre qual dos dois fala melhor a língua portuguesa apenas 4% responderam que foi o homem adulto enquanto 96% responderam que foi a adolescente haitiana.

Quadro 8: Perguntas realizadas aos informantes

Perguntas	Homem adulto		Mulher adolescente	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Qual dos dois fala melhor a língua portuguesa?	1	4	24	96

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se que a fala da adolescente haitiana ainda predominou entre os alunos que analisaram os áudios como que melhor adquiriu a língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram que as crenças e atitudes em que o sujeito haitiano adulto que está no Brasil há 5 anos em contato com a língua portuguesa em certas partes ainda utiliza falas e expressões que não condizem com a língua na regra padrão, várias expressões os alunos ficaram deduzindo o que ele queria dizer com aquela fala, um pouco confuso, com sotaques e acentos onde não se coloca conforme a gramática e a fonologia do português brasileiro. Em contrapartida a fala da haitiana adolescente foi bem mais clara, mesmo com apenas dois anos que está em contato com a língua adicional, o domínio e apropriação da língua é bem maior, nota-se que a criança tem mais facilidade de aprendizagem de uma nova língua onde aprenderam a língua por imersão num país diferente.

De acordo com Paiva (2014) a melhor forma de adquirir uma segunda língua é por aculturação, ou seja, morando no país da nova língua e convivendo com pessoas nativas no dia a dia. No decorrer de um outro estudo nosso realizado sobre o “O processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa como língua adicional para imigrantes haitianos no ensino fundamental I em Escolas Municipais de Sinop-MT, através de entrevistas e observações, nota-se a facilidade das crianças em aprender a nova língua, porque o adulto ainda tem vestígios da língua materna e automaticamente ele pensa primeiramente na língua materna, antes de falar na língua adicional. A criança por estar imersa e ter mais facilidade acaba deixando de pensar na língua materna antes de falar na segunda língua.

Em uma das entrevistas com a adolescente haitiana que fez parte da pesquisa expôs que os pais são separados e a mãe mora sozinha e o pai casou-se com uma brasileira, ela e o irmão que também faz parte desse estudo moram com o pai e a madrasta, ela fez vários comentários interessantes na entrevista, um deles é que quando ela visita a mãe ela tem que falar apenas na língua materna, o crioulo, pois a mãe não fala a língua portuguesa, já em casa com o pai e a madrasta só fala na língua portuguesa. Foi feita uma pergunta sobre a língua que ela utiliza para se comunicar com o irmão e



ela respondeu que é só em língua portuguesa porque ele já não entende mais a língua crioula.

Os resultados mostram que ao contrário do que ocorre no mundo adulto, as crianças que analisaram os excertos em nenhum momento demonstraram um preconceito sobre a forma que os haitianos falam, pelo contrário, tinham orgulho de falar que já ouviram eles conversarem e ficaram encantados com a maneira que se expressavam diferentemente da língua portuguesa que eles são acostumados a ouvirem, a ter contato.

Verificou-se, baseados nos dados coletados que as crenças e atitudes linguísticas tanto positiva, como negativa interferem na maneira que é visto perante a sociedade, porque quando tiveram contato com a fala da haitiana adolescente que se expressava melhor ao utilizar a língua portuguesa a atitude dos alunos foram diferentes e não com estranhamento como ao ouvirem a fala do adulto que tinha mais sotaques da língua crioula.

A consideração em relação a língua e a linguagem, a prática de uma maneira reflexiva e inovadora, são elementos de desconstruções de falsas crenças, junto com o preconceito linguístico. E esse ponto de desconstrução de crenças pode ser movido a construções de novas atitudes para o ensinamento da língua portuguesa como língua adicional. Mediante essa reflexão, percebemos que a sociedade quando estiver propícia a receber novas crenças, no caso na aceitação da inserção dos imigrantes haitianos.

Referências

- ALKIMIN, T. M. **Língua e discriminação**. In: GTM – Jornal do Grupo de Tortura Nunca Mais. Rio de Janeiro, Ano 17, nº43, dez. de 2002.
- BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, vol. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v7n2/06.pdf> . Acesso em: 10 ago. 2019.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.



BRASIL. Exército Brasileiro. **Comando de Operações Terrestres. Divisão de Missão de Paz. Manual de Preparo de Idiomas Creole.** s.n.: s.l., 2008. Disponível em:

http://www.coter.eb.mil.br/html/cepaeb/CEPAEB%20WEB%20SITE/Docs/idiomas/Manual_Creole_1aEd_23abr08.zip. Acesso em: 05 dez. 2019.

CADELY, J. R. Les sons du Creòle haïtien. **The Journal of Haitian Studies**, vol. 9, n.2, p. 4-41, 2004.

_____. Haiti: the politics of language. **Journal of Teaching and Education**, vol.1, n.3, p. 389-394, 2012.

CYRANKA, L. F. de M. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de juiz de fora – MG.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). – Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói. 2007.

DUQUE, C. Atitudes e comportamento. 2008. Disponível em: <https://www.gestiopolis.com/atitudes-em-relacao-ao-trabalho/>. Acesso em: 05 ago. 2019.

FARIA, K. R.; PESSOA, M. S. Sociolinguística e Dialetoлогия: uma educação linguística para valorizar o outro. **Revista Eletrônica Língua Viva.** v.2, n.1, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/linguaviva/article/viewArticle/516>. Acesso em: 18 ago. 2019.

FINNEY, M. A. **Tone assignment on lexical items of English and African origin in Krio.** In: ESCURE, Geneviève; SCHWEGLER, Armin (eds.) Creoles, contact and language change: linguistics and social implication. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 220-236.

FISHBEIN, M. **A consideration of beliefs, attitudes and their relationships.** In: STEINER, Martin & IVAN, D., ed. Current studies in social psychology. New York: Holt, Rinerhart and Winston, 1965.

GRANDO, R. F. P. **Produção textual em língua portuguesa: uma análise da escrita e da reescrita de textos de imigrantes haitianos da cidade de pato branco.** 2017. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/8594/1/PB_COLET_2017_1_11.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

LABOV, W. **Estágios na aquisição do inglês standard.** In.: FONSECA, M. E NEVES, M. (orgs.). Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado. 1974.

_____. **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press. Padrões Sociolinguísticos. 1972. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.



_____. **Building on Empirical Foundations.** In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (eds.) Perspectives on Historical Linguistics. Amsterdam: John Benjamins: 17-92, 1982.

_____. **Principles of Linguistic Change.** Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

PAIVA, V. L. M. O. **Aquisição de segunda língua.** – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PARREIRA, S. P. A importância do pensamento de Saussure e da teoria de Chomsky para a Linguística Moderna. **Domínios De Lingu@gem.** Universidade Federal de Uberlândia. v. 11 n. 3. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36978>. Acesso em: 18 ago. 2019.

SANTOS, E. **Certo ou errado? atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SILVA, P. **Uma ferramenta para o ensino do acento primário do PB para falantes nativos do crioulo haitiano.** 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/14297027/Uma_ferramenta_para_o_ensino_do_acento_prim%C3%A1rio_do_PB_para_falantes_nativos_do_crioulo_haitiano. Acesso em: 10 ago. 2019.

SOUZA, E. C de. **Crenças e atitudes de professores e alunos no Brasil e na Espanha, sobre variação linguística.** Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade de Brasília (UnB), Brasília. 2012.

TARDIEU, G. M. **Gramè kreyòl. Pòtoprens:** Kopivit-Laksyon Sosyal, 2013.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). **Empirical Foundations for Theory of Language Change.** In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) Directions for Historical Linguistics. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]

Recebido Para Publicação em 12 de março de 2020.

Aprovado Para Publicação em 10 de maio de 2020.